

Eu, criança(s): instantes de curiosidades mútuas

Daniel Revillion Dinato¹

Mestrando em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas)

daniel@dinato.com.br

A curiosidade das crianças em mim, *nawa*, e em minhas coisas é gritante. A minha curiosidade nelas e em seus mundos, também. Esbarramos, porém, na língua. Elas, muito generosas, falam um pouco de português. São tímidas e firmes, ao mesmo tempo. Querem me devorar, tocam em mim, pedem, perguntam, ficam felizes e bravas. Eu pouco consigo dizer. Não domino o mínimo de *hatxa kuin*, a língua dos Huni Kuin. Viro criança, então. As nossas curiosidades fazem superar as dificuldades linguísticas. Conversamos com mímica, jogamos sem falar, apontamos, sorrimos, ficamos atentos aos sinais não-verbais. Em certo momento, alívio, a câmera do meu celular e ele próprio vira mediação. Crianças e tecnologia se encontram das formas mais inesperadas, sempre. Lá, na foz do Rio Jordão, não é diferente. Elas querem aprender, mexer, dominar uma técnica criativamente, e assim o fazem. As fotos aqui expostas são instantes da minha relação com as crianças no município de Jordão e na aldeia Chico Curumim, Acre. As imagens não pretendem ser registros etnográficos de um povo, mas registros das nossas curiosidades mútuas. São fotos que mostram a mediação, a timidez e as várias formas de ser criança. Não posso, desejo, nem conseguiria teorizar esse gesto de interesse recíproco. A última foto, em que aparece o meu rosto pintado, retrato de um eu já criança, foi tirada por uma das muitas crianças que lá vivem, a qual muito rapidamente aprendeu como manejar o celular e sua câmera.

Recebido em 24 de maio de 2017.

Aceito em 04 de setembro de 2018.

1 Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

1



2



3



4



5



6



8

7



9

10



11



12



13



14



15



16





17



18